

MATÉRIA-ETÉRIA [OU A PARTE INVISÍVEL DA OBRA DE ARTE]

Renata Homem

Assim, tanto o saber, como o mito, a linguagem e a arte, foram reduzidos a uma espécie de ficção, que se recomenda por sua utilidade prática, mas à qual não podemos aplicar rigorosa medida da verdade, se quisermos evitar que se dilua no nada.

(Ernst Cassirer)

Resumo:

Esse artigo se destina a revolver (movimentar, agitar, cavar) teorias e conceitos que permeiam a arte para analisar a possível imaterialidade da obra. A filosofia em muito contribui para o entendimento de certos termos como: espírito, realidade, sensível, abstrato, simulação e simulacro. Ao que parece, a arte que surge com uma nova humanidade, traz consigo perspectivas inimagináveis acerca de um invisível que outrora fora considerado irreal. A transversalidade da arte ultrapassa o diálogo consciente entre as diversas áreas de conhecimento. Para além da ciência existe uma dimensão artística invisível e misteriosa.

Palavras-chave: sensibilidade, espírito, metafísica, ciência, arte

Abstract:

This article aims to dig (move, shake) theories and concepts that coexist in art, to analyze the immateriality in work. The philosophy contributes to understanding certain terms, such as: spirit, reality, sensitive, abstract, simulation, pretense. It seems that the art that comes with a new humanity, brings a unimaginable prospect that once invisible was considered unrealistic. The transversality of art goes beyond the conscious dialogue between the different areas of knowledge. In addition to science there is a mysterious and invisible art dimension.

Key words: sensitivity, spirit, metaphysics, science, art

Especular a imaterialidade ou a invisibilidade da arte é antes de tudo ir de encontro a todas as contradições terminológicas e paradoxos conceituais em que a arte está envolvida. Pessoas que vivenciam a arte sabem que esta possui uma infinidade de significados, mas infelizmente as definições encontradas no dicionário referem-se muito mais a outras categorias de aplicabilidade do termo, do que à arte propriamente. Talvez por isso os artistas contemporâneos não possam culpar a ignorância e a dificuldade que o público geral tem de entender a arte conceitual ou a arte das novas mídias.

Um leigo que recorrer ao uso do dicionário para se certificar de que uma roda de bicicleta ou um *game* não é arte, terá absoluto respaldo, pois este lhe dirá, entre outras coisas, que arte significa: destreza, dom, habilidade, perícia, perfeição, beleza, ideal, etc. Como se não tivessem passado quase cem anos

do *ready-made* de Duchamp, cinqüenta anos da “teoria do não objeto” de Ferreira Gullar e mais de vinte e cinco anos da constatação da “morte da arte” (ou da grande ruptura em relação à arte clássica), muitas pessoas, ainda hoje, tendem a achar que arte é apenas pintura, e que esta deve representar a natureza ou ao menos ser capaz de combinar com a decoração de um ambiente qualquer. Sendo que “a arte recente tem usado não apenas pintura a óleo, metal e pedra, mas também ar, brisa, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas.” (SANTAELLA, 2003, p. 326) Ou ainda: interação homem-máquina, robótica, internet, neurociência, genética, engenharia molecular, nano-tecnologia, e outras artes pós-humanas (ou “transhumanas”).

Sabemos que a arte possui tudo ao mesmo tempo: aparência e essência, sensibilidade e abstração, subjetividade e objetividade, criatividade e técnica, inteligibilidade e incompreensão, consciência e inconsciência, expressão e introspecção, figuração e metáfora, poesia e banalidade, cientificidade e misticismo, ilusão e realidade, materialidade e imaterialidade. Mas mesmo para quem está envolvido com a arte, pesquisando ou produzindo, não é fácil entender esses significados.

Vejamos a palavra sensível. O uso corriqueiro nos leva a entender sensível como algo emocional. Mas para a filosofia, o sensível sempre esteve ligado aos cinco sentidos do homem. Neste caso, o sensível faz parte da ciência, que só acredita no que é mensurável, palpável, visível, etc. A filosofia e a matemática têm em comum o uso da razão, da consciência, da lógica. A ciência só se utiliza da matemática para comprovar os fatos do mundo exterior, ou seja, como suporte do mundo sensível. E a arte, por sua vez, também é sensorial e por vezes racional, por isso também têm algo em comum com a ciência, a matemática e a filosofia.

E a noção de realidade significaria, a partir disso, tudo o que está na mente. A metafísica, por exemplo, não tenta comprovar o irreal, como muitos crêem. Pelo contrário, ela tenta por meio da lógica, trazer a tona o invisível (ou abstrato). Mas o invisível continua invisível, mesmo depois de ser teorizado, pois as palavras, impressas no papel, não existirão enquanto idéia se não houver quem as leiam. Ainda assim, a filosofia lança mão da intuição, pois acredita nos mistérios da mente, que tendem a ser revelados.

Mas realidade, não necessariamente é verdade. Pois a verdade é relativa. Para o idealismo (Platão, Kant, Hegel) a verdade consistiria na inteligência, para o materialismo (Marx e os comunistas) ela seria material (como costuma ser na ciência), para o realismo filosófico (Aristóteles, Tomás de Aquino) a verdade estaria tanto no intelecto quanto na matéria, e para o racionalismo (Descartes) seria apenas a razão.¹

“Uma compreensão metafísica do universo prescinde da experiência, pode ser feita no gabinete do filósofo, consultando apenas livros.” (PORTO, 2006, p.19) Podemos crer naquilo que é para alguns, irreal. A metafísica trata de questões misteriosas, insondáveis, e até transcendentas, porém, usando a lógica. Fazendo deduções a partir de induções. E é isso que os céticos são contra: fazer afirmações sem experimentações que as comprovem.

Os céticos afirmam que toda crença deve ser verdadeira e bem justificada, para só então ser considerada conhecimento. Eles consideram que nossos cinco sentidos são eficazes instrumentos de percepção da realidade, porém, nossa experiência sensível é muito diversificada (nossa sensação de cor altera-se com a incidência de luz, o tamanho dos objetos variam de acordo com a distância, o gosto das coisas varia de acordo com nosso estado de saúde, etc.), e por isso essas experiências não podem ser assumidas como fonte de conhecimento seguro. (SMITH, 2004)

Não poderíamos sequer afirmar que o mundo é tal como o percebemos. Os céticos acreditam (se é que eles acreditam em algo) que pode ser que o próprio mundo não exista. Eles apresentam a hipótese de que tudo pode não passar de um sonho. Pois se quando estamos sonhando consideramos que aquilo é real, podemos neste momento pensar que estamos acordados, quando talvez nem estejamos. Porém os céticos assumem que hipóteses como essa não são relevantes nas situações práticas de nossas vidas, apenas devem ser levadas em consideração em um contexto teórico, de busca de conhecimento. O cético tampouco concorda com o metafísico quando esse assume o sentido da lógica, onde duas premissas levam a uma dedução (ou conclusão). (SMITH, 2004)

Mas alguns céticos confiam na matemática, pois apesar de ela também ser abstrata, seus resultados não são apenas induzidos, mas sim confirmados.

(RUSSEL, 1957) O cálculo matemático pode ser visualizado em instrumentos materiais, como o ábaco², por exemplo.

Não há como não nos confundirmos diante de certas palavras, todas elas possuem duas faces, que ora parecem contraditórias, ora complementares. A palavra espírito, por exemplo, não exclui a lógica ou razão, mas também não costuma ser comprovada por meio da matemática.

Espírito para a filosofia, em princípio, não tem o mesmo significado que para as religiões. O livro *Phänomenologie des Geistes* (1806), de Friedrich Hegel, foi traduzido para o inglês de duas maneiras: *Phenomenology of Spirit* (1998) e *The Phenomenology of Mind* (2003), ou seja, fica claro que o espírito a que se refere Hegel, não se trata de uma alma essencialmente divina que viveu em outros mundos, como declarava Platão, mas sim da mente, do pensamento, da subjetividade do indivíduo.

Já para o espiritismo, doutrina filosófico-religiosa, o termo espírito possui um significado mais próximo a idéia de Platão. Acredita-se que os espíritos de todas as pessoas continuem vivos fora do seu envoltório material, sendo capazes de comunicar-se com os médiuns³ mesmo após o desencarne.

Sobre isso, Russell (2007, p. 31-32) considera que:

Os fenômenos mentais parecem estar intimamente vinculados a uma estrutura material. Se assim é, não podemos supor que um elétron ou um próton solitário seja capaz de “pensar”; (...) Tampouco podemos supor que o pensamento individual possa sobreviver à morte corporal, uma vez que ela destrói a organização do cérebro e dissipa a energia por ele utilizada.

O raciocínio de Russell faz todo o sentido, mas o fato é que a própria ciência passa a admitir cada vez mais, idéias antes rejeitadas. Descartes já aceitava que, tanto o homem quanto os animais, possuíam uma alma, e em alguns dos seus escritos, chegou a afirmar que a alma poderia estar fixada à glândula pineal, situada no meio do cérebro. (DESCARTES, 2003)

Chegou-se a acreditar que a glândula pineal seria um órgão inútil (ou vestigial, como ainda acreditam ser o apêndice)⁴, hoje se sabe que esta glândula é um órgão de recepção eletromagnética. Tomografias realizadas em médiuns mostraram que o desenvolvimento dos cristais da pineal que recebem a energia, é mais avançado. Um médico e psiquiatra, mestre em Ciências pela

USP, o Dr. Sérgio Felipe de Oliveira, desenvolveu estudos sobre essa glândula e observou as relações entre o mundo espiritual e as atividades psíquicas. Ele afirma que: “A mediunidade é um atributo biológico, acredito, que acontece pelo funcionamento da pineal, que capta o campo eletromagnético, através do qual a espiritualidade interfere”. Estudioso da área de Psicobiofísica, sua pesquisa reúne conceitos de psicologia, física, biologia e do espiritismo. Ou seja, trata-se de um médico e espírita, aceito pela academia e pela comunidade científica. Ele ainda declara:

Não existe controvérsia entre ciência e espiritualidade, porque a ciência não nega a vida após a morte. Não nega a mediunidade. Não nega a existência do espírito. Também não há uma prova final de que tudo isto existe. Não existe oposição entre o espiritual e o científico. Você pode abordar o espiritual com metodologia científica, e o espiritismo sempre vai optar pela ciência. (OLIVEIRA, 2002)

Podemos agora pensar o que é aceito pela arte, como real ou ilusório, ainda utilizando noções da filosofia. Pois, como sabemos, os conceitos de arte surgem tanto de historiadores, quanto da teoria crítica e da lingüística, mas, sobretudo, da estética e, por conseguinte, de inúmeros conceitos filosóficos.

Bosi (1988), ao relacionar duas vertentes do pensamento antigo sobre o olhar, explica que para os filósofos, grego e romano, Epicuro e Lucrecio, o mundo oferecia imagens ao corpo do homem e a verdade se apresentava em forma de luz, ou seja, pela visão. Os simulacros seriam aí figuras visíveis, porém impalpáveis, ou seja, a imagem seria simulacro, e a realidade é o mundo palpável. Já para Pitágoras e Platão, a verdade ou a realidade, só poderiam ser conferidas pela experiência interior, e não pela visão. “Transcender o olho físico é ter acesso a um mundo que desconhece a lei da morte. O platonismo é a educação desse outro olhar.” (BOSI, 1988, p.70).

Sabemos que ao longo da história da arte, o figurativismo deu lugar ao abstracionismo na tentativa de romper com o simbólico, com uma suposta enganação, que residiria na imagem que se propunha ser representativa.

Mas não é tão simples. Se o quadrado negro sobre o fundo branco (1915) de Malevitch é – para retomar as suas palavras – uma pintura “não-objetiva”, nem por isso deixa de ter um valor representativo. Simplesmente, ao invés de remeter a um objeto visível, ela se refere a um absoluto espiritual. (DELACAMPAGNE, 1997, p 13)

Assim como a própria arte do inconsciente que não necessariamente rompia com a realidade do mundo interior. Pois Freud chegou a declarar diante da Metamorfose de Narciso: “Nas pinturas clássicas, procuro o inconsciente – em uma pintura surrealista, o consciente” (*apud* RIVERA, 2002, p.22).

Para alguns, a representação apenas deixa de existir com o surgimento da arte computacional. Pois neste caso, a imagem reconstrói o mundo real “propondo dele uma visualização numérica que não mantém mais nenhuma relação direta com o real, nem física, nem energética” (COUCHOT, 1993, p.42).

A simulação virtual, portanto, não pretende ser uma enganação do que seria a realidade. Baudrillard (1991) explica que alguém pode fingir que está doente, mas aquele que simula a doença acaba por assumir seus sintomas, neste caso, a doença não chega a ser real, mas também não é falsa, pois os sintomas existem de fato. O mesmo autor ainda observa que:

(...) simular não é fingir. (...) Logo, fingir, ou dissimular⁵ deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do “verdadeiro” e do “falso”, do “real” e do “imaginário”. (BAUDRILLARD, 1991, p.9)

Como o pixel é uma unidade numérica, a imagem produzida no computador não mais representa o mundo, mas sim, o simula. Enquanto a representação fala de algo que existe, a simulação é de fato, algo que existe.

Agora, podemos ir mais além da arte tecnológica, onde o sentido de realidade outrora aceito se inverte. Veremos que o que se produz hoje pode ser absolutamente transcendente (para além da lógica).

Santaella (2003) define o momento pelo qual estamos como “depois da arte”, fazendo referência ao novo paradigma depois do fim da arte. Ela fala de uma arte inteiramente nova que surge com o campo da biotecnologia. O artista brasileiro Eduardo Kak, é um dos expoentes nessa área, que trabalha com biotelemática⁶ e arte trangênica⁷.

Junto com essa arte, além da convergência entre bits, átomos e genes, surgem os conceitos de “biofóton” e “nanocampo”. Roy Ascott, em seu artigo intitulado “A arte do espírito” (2007) nos diz que a palavra “biofóton” foi utilizada pela primeira vez em 1976 para descrever o fenômeno quântico

(sistemas físicos cujas dimensões não são observáveis) da emissão fotônica de todos os seres vivos. Os fótons são partículas de radiação eletromagnética que se deslocam no vácuo.

Já o “nanocampo” refere-se à um campo eletromagnético minúsculo – nanômetro é uma bilionésima parte de um metro. A rede de informações que os fótons e as moléculas de DNA emitem, segundo Ascott, pode ser comparável as redes telemáticas do mundo. Essa nova arte capaz de unir conceitos da telemática e da biofísica pode situar o artista na mesma direção que a humanidade caminha. Caminho este, onde o que se acredita, pode ser exatamente o inverso do acreditávamos antes. “Em nosso novo entendimento do mundo e de nós mesmos, o que nós vimos de uma maneira clássica como coerente, agora é visto como uma ilusão” (ASCOTT, 2007)

Apesar de o uso da nanoengenharia ser científico, Roy Ascott considera que a falta de espiritualidade acentua o excesso de materialismo de nossa época. Por isso, ele acha que a idéia de nanocampo inserida na arte, deve agregar valores místicos, “que reafirmam e ampliam as nossas noções intuitivas e poéticas da espontaneidade e livre-arbítrio” (ASCOTT, 2007). O pensamento acerca do nanocampo e a emissão de biofótons, afirma esse autor, deram forma a práticas de cura não convencionais, como a acupuntura e a homeopatia. Por isso, podem situar o artista entre “o corpo sutil, os órgãos e a aura”.

Após percorrermos o caminho inverso da noção de espírito e passarmos pelos conceitos de metafísica e realidade, vimos que a intuição subjetiva da arte e da filosofia de antes, poderia não ser objetiva, mas ainda indicava racionalidade. Porém numa nova perspectiva da arte e da humanidade, podemos entender que intuição como: “faculdade de perceber, discernir ou pressentir coisas, independentemente de raciocínio ou de análise”⁸.

Aparência é sinônimo de essência. Então como a obra de arte que se utiliza da aparência pode possuir essência? Como a matéria pode conter nela mesma a não-matéria? Mario de Andrade (1995) nos diria que a arte “nunca foi um exclusivo problema de beleza; a beleza é *sinão* o elemento transpositor de que a arte se serve para funcionar dentro da vida humana coletiva”. Imaginemos aqui, o belo individual e não coletivo.

Acredito que a parte imaterial da arte pode ser poesia, essência e espírito (no sentido místico - que une homem e divindade). Pode ser material e objetiva, pois é percebida pelos sentidos, pode ser racional e pragmática. Mas também é misteriosa e mágica. Seja ela pintura, performance, genética ou telemática. A obra de arte materializa, para ser novamente desmaterializada. Ela não é irreal nem enganadora, porque ela não tenta ser, ela é.

¹ Wikipédia, a enciclopédia livre. *Gnosologia*.

² Quadro que permite representar e operar os números por meio das configurações de argolas que deslizam em hastes fixas.

³ Segundo o espiritismo, pessoa capaz de se comunicar com os espíritos. In Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Verbetes *médium*.

⁴ Wikipédia, a enciclopédia livre. *Glândula Pineal*.

⁵ Enquanto as palavras simulação de dissimulação aparecem no dicionário como sinônimos, o autor as diferencia da seguinte maneira: "Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem." (BAUDRILLARD, 1991, p.9)

⁶ "É uma forma de arte em que processos biológicos estão intrinsecamente associados a sistemas de telecomunicações baseados em computadores" MACHADO, 2001, p.86 *apud* SANTAELLA, 2003, p.327.

⁷ Se baseia "na utilização de técnicas de engenharia genética ligadas à transferência de genes (naturais e sintéticos) para um organismo vivo, de modo a criar novas formas de vida". *Idem, ibidem*.

⁸ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Verbetes *intuição*.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **Carta ao pintor moço**. São Paulo: Jinkings Editores Associados e Boitempo Editorial, 1995.

ASCOTT Roy. **A arte do espírito**. In Enciclopédia Itaú cultural arte e tecnologia, 2007
In http://www.cibercultura.org.br/tikiwiki/tiki-read_article.php?articleId=20

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BELTING, Hans. **O fim da história da arte?** São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

BOSI, Alfredo. **Fenomenologia do Olhar**. In NOVAES, Adauto. O Olhar. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1993.

COUCHOT, Edmond. **Da representação à simulação**. In: André Parente. Imagem-máquina. A era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

DANTO, Arthur C. **Após o Fim da Arte**. Odysseus Editora, São Paulo, 2006.

DESCARTES, René. **Carta a Marin Mersenne**. In Scientiae Studia. Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência. São Paulo. Vol. 1, No. 1, 2003. In <http://www.scientiaestudia.org.br/revista/revista.asp>

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (para assinantes uol). In <http://houaiss.uol.com.br/>

HEGEL, Wilhelm Friedrich. **Phenomenology of Spirit**. New Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1998.

HEGEL, Wilhelm Friedrich. **The Phenomenology of Mind**. New York: Courier Dover Publications, 2003.

- LANG, Berel. **The and of Art**. New York: Haven Publishers, 1984.
- OLIVEIRA, Sérgio Felipe de. **Pineal - A União do Corpo e da Alma**. In Entrevista Revista Espiritismo & Ciência, Vol.3. 2002. In:
<http://www.espirito.org.br/portal/publicacoes/esp-ciencia/>
- PARENTE, André. **Imagem-máquina. A era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- PORTO, Leonardo Sartori. **Hume**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006. p.19
- RIVERA, Tania. **Arte e psicanálise**. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2002.
- RUSSEL, Bertrand. **Misticismo e Lógica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- RUSSELL, **No que eu acredito**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.
- SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. – São Paulo: Paulus, 2003.
- SMITH, Plínio Junqueira. **Ceticismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- Wikipédia, a enciclopédia livre**. In pt.wikipedia.org/

Currículo resumido da autora:

Renata Homem é licenciada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília. Escreveu sobre a relação entre o termo primitivo e a história da arte em sua monografia de final de curso. Estudou com outros artistas em Cuba durante três meses. Vivenciou manifestações artísticas no oriente durante dois meses. É mestranda na Linha de Pesquisa Arte e Tecnologia pela mesma instituição. De pintura passou a construir obras manipuláveis *low-tech*, sob o tema da espiritualidade. É orientanda da Prof.^a Dr.^a Fátima Borges Burgos.